



A CASA PERDEU A RUA? UMA REFLEXÃO SOBRE A PROGRESSÃO DA ARQUITETURA DO TURISMO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX NO RIO DE JANEIRO

*DID THE HOUSE LOSE THE STREET? A REFLECTION ON THE PROGRESSION OF TOURISM
ARCHITECTURE IN THE FIRST HALF OF 20TH CENTURY IN RIO DE JANEIRO*

*¿LA CASA PERDIÓ LA CALLE? UNA REFLEXIÓN ACERCA DE LA PROGRESIÓN DE LA
ARQUITECTURA DEL TURISMO EN LA PRIMERA MITAD DEL SIGLO XX EN RÍO DE
JANEIRO*

EIXO TEMÁTICO: HISTÓRIA, PATRIMÔNIO E CRÍTICA

NEVES, Carolina Quintanilha
MESTRA EM URBANISMO

Doutoranda no PROURB-FAU-UFRJ
carolina.neves@fau.ufrj.br

ZONIS, Nina
ARQUITETA E URBANISTA

Mestranda no PROURB-FAU-UFRJ
nina.zonis@fau.ufrj.br



A CASA PERDEU A RUA? UMA REFLEXÃO SOBRE A PROGRESSÃO DA ARQUITETURA DO TURISMO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX NO RIO DE JANEIRO

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar como o turismo, com suas diferentes arquiteturas, esteve relacionado com transformações urbanas fomentadas no Rio de Janeiro, ao longo da primeira metade do século XX, quando a cidade ainda era capital do Brasil. Tal análise parte do estudo de três hotéis que funcionaram como equipamentos arquitetônicos retroativos da cultura urbana nesses recortes espacial e temporal. Os hotéis escolhidos – Hotel Avenida (1908), Copacabana Palace (1923) e Gávea Tourist Hotel (1953) – são exemplares das categorias: *Grande Hotel* e/ou *Megaestrutura Hoteleira*, que correspondem a uma progressão tipológica relacionada à ampliação dos serviços e da escala da arquitetura na hotelaria. Essa progressão marcou o início de novos tempos, repletos de diferentes ideais de modernidade e de novas formas do lazer moderno. O suporte teórico abarca a relação entre o privado e o público, partindo da relação entre a casa e a rua de forma metafórica, a partir da ótica do turismo na cidade. Esta pesquisa compreende que o hotel, muitas vezes, funciona como espaço intermediário entre essas duas esferas, por cumprir papel importante no processo de transformação dos modos de interação social no meio urbano; mas também investiga quando o hotel não funciona como esse interposto.

PALAVRAS-CHAVE: Grande Hotel. Megaestrutura Hoteleira. Hotel Avenida. Copacabana Palace. Gávea Tourist Hotel.

ABSTRACT

This work aims to analyze how tourism, along with its different architectures, has been related to urban transformations fostered in Rio de Janeiro, during the first half of the 20th century, when the city was still the capital of Brazil. Such analysis is based on the study of three hotels that played a role as architectural facilities retroactively reflecting urban culture within these spatial and temporal scopes. The selected hotels – Hotel Avenida (1908), Copacabana Palace (1923) and Gávea Tourist Hotel (1953) – are exemplars of the categories: Grand Hotel and/or Hotel Megastructure, which correspond to a typological progression related to expansion of services and the scale of tourism architecture. This progression marked the beginning of new times, filled with different ideas of modernity and new forms of modern leisure. The theoretical framework encompasses the relation between the private and the public, based on the metaphorical relationship between the house and the street, from the perspective of tourism in the city. This research comprehends that the hotel often functions as an intermediate space between these two spheres, playing an important role in the process of transforming the modes of social interaction in the urban environment; but also investigate when the hotel doesn't act as this intermediary.

KEYWORDS: Grand Hotel. Hotel Megastructure. Hotel Avenida. Copacabana Palace. Gávea Tourist Hotel.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar cómo el turismo, con sus distintas arquitecturas, estuvo relacionado con transformaciones urbanas fomentadas en Río de Janeiro, durante la primera mitad del



siglo XX, cuándo la ciudad aún era la capital de Brasil. Este análisis parte del estudio de tres hoteles que funcionaron como equipamientos arquitectónicos retroactivos de la cultura urbana en esos contextos espacial y temporal. Los hoteles seleccionados – Hotel Avenida (1908), Copacabana Palace (1923) y Gávea Tourist Hotel (1953) – son ejemplares de las categorías: Gran Hotel y/o Megaestructura Hotelera, que corresponden a una progresión tipológica relacionada a ampliación de los servicios y de la escala de la arquitectura en la hotelería. Esa progresión marcó el inicio de nuevos tiempos, llenos de diferentes ideales de modernidad y de nuevas formas del ocio moderno. El soporte teórico abarca la relación entre el privado y el público, partiendo de la relación entre la casa y la calle de manera metafórica, desde la perspectiva del turismo en la ciudad. Esta investigación comprende que el hotel, muchas veces, funciona como un espacio intermedio entre estas dos esferas, al desempeñar un papel importante en el proceso de transformación de los modos de interacción social en el medio urbano; pero también investiga cuándo el hotel no funciona como este intermediario.

PALABRAS-CLAVE: Gran Hotel. Megaestructura Hotelera. Hotel Avenida. Copacabana Palace. Gávea Tourist Hotel.



INTRODUÇÃO – ENTRE A CASA E A RUA, E O TURISMO

A cidade do Rio de Janeiro, no decorrer do século XX, passou por profundas transformações econômicas, simbólicas, políticas e, conseqüentemente, morfológicas. Se por um lado, no início daquele século, a cidade buscava se lançar ao mundo como um centro urbano moderno, capital de uma nova República, em meados dele, já se via obrigada a se reinventar ao perder o título de epicentro do país. Nesse contexto, este estudo elenca as variadas formas de construção da imagem da cidade e a importância de suas relações com o turismo. Isso porque, muitas vezes, as mudanças na experiência turística introduzem mudanças urbanísticas e culturais na cidade, ou o cenário inverso – não a partir de uma relação de determinação direta, mas sim de interação (Castro, 1999). Entretanto, por mais que seja clara a relação entre turismo e espaço urbano, muitos são os apontamentos que indicam a carência de estudos que associam o campo da Arquitetura e Urbanismo ao do Turismo, e que explorem o potencial dessa intersecção para novas compreensões da cidade (Segawa, 2016). Assim, este trabalho se volta para a análise do turismo na primeira metade do século XX, no Rio de Janeiro, e sua relação com a arquitetura e a cidade por meio da investigação de importante equipamento urbano – o hotel.

As primeiras décadas do século XX, compreendendo o primeiro período republicano do Brasil, é descrito por Araújo (1993) como um momento de transformação da interação da família com a cidade do Rio de Janeiro. A autora, dentre os novos padrões de comportamento social que teriam sido induzidos pela profunda e rápida transformação do espaço, levanta um ponto de inflexão – o atravessamento da fronteira do espaço privado da casa para o espaço público da rua. Este trabalho, partindo desse contexto, busca compreender como os hotéis de luxo e de escala mais ampliada, como os Grandes Hotéis e as Megaestruturas Hoteleiras, enquanto espaços intermediários entre a **casa** e a **rua**, podem ter funcionado como dispositivos importantes nesse processo de transformação das interações sociais na cidade. Esses estabelecimentos, que passaram a ser construídos como símbolos de diferentes modernidades pretendidas para o Rio de Janeiro, em seus respectivos períodos históricos, funcionariam não apenas como local de hospedagem e/ou moradia, mas também ora como espaços de socialização na dinâmica urbana da elite carioca ora como espaços de desintegração urbana, conforme será melhor esclarecido na próxima seção.

Ao tratar da ruptura entre as fronteiras dos espaços privados e públicos, aqui retratados metaforicamente pelos conceitos da **casa** e da **rua**, recupera-se a contribuição de Gilberto Freyre, para quem a **casa** surge como ponto de partida de análise, sendo uma categoria que expressa modelos comportamentais, simbólicos e, sobretudo, de relações sociais. Freyre (1936) levanta aspectos relativos à alteração dos modos de habitar no meio urbano. Dentre eles, a posição da mulher na habitação e na cidade – se antes esta era ocultada, o que se dava por meio de alcovas, rótulas e muxarabis, esse cenário passava a se modificar em meados do século XIX, junto a alterações nos sobrados, por meio da incorporação de elementos como os balcões, vidro nas fenestraçãoes, gradis de ferros, etc. Desse modo, os novos materiais e as inovações construtivas agregadas nas habitações acompanhavam, de certa forma, os novos costumes das



mais variadas modernidades que aqui chegavam, fazendo com que a **casa** urbana abrisse, pouco a pouco, suas portas e janelas para o espaço exterior, para a **rua**.

Ainda sobre essa dicotomia, vale ressaltar o trabalho de DaMatta (1985), que traça relações entre sua produção e a de Freyre. Se por um lado, Freyre aponta dialéticas do sistema brasileiro a partir de estruturas como *casa grande* e *senzala / sobrado* e *mucambo*, DaMatta propõe explicitamente uma dialética entre a **casa** e a **rua**. O autor as compreende como categorias sociológicas que se relacionam não apenas com as noções de espaço público e privado, mas que se configuraram também como domínios culturais e modos de organização social. A casa, vinculada à noção de pessoa particularizada por seu nome, família e elos pessoais; a rua, associada à noção de indivíduo, cidadão anônimo, inserido em um espaço coletivo. DaMatta entende que uma não poderia ser analisada sem a outra e que essa dicotomia não tem nada de estática ou absoluta, pois se trata de uma relação dinâmica e relativa. Como, por exemplo, o caso da sala de visitas que, neste trabalho, aponta para os salões hoteleiros. DaMatta denota que as salas ou salas de visitas das casas sempre tiveram um caráter importante na vida social, incorporando “requintes quase barrocos, pois significava abrir o espaço da casa para um estranho” (DaMatta, 1997 [1985], p.37).

Na esteira desta discussão, Rolnik (1997) também endossa o que foi exposto por Freyre, compreendendo que ocorreu “uma transformação territorial no espaço doméstico e em sua relação com a rua, emergindo antes de tudo nas casas mais abastadas” (Rolnik, 1997, p.31). Dentre os novos elementos presentes nos sobrados, a autora destaca o surgimento dos corredores e de uma sala de visitas, espaço que seria ricamente decorado para receber um público seletivo, configurando-se como “um primeiro movimento de redefinição territorial das elites”. Rolnik, compreendendo a “região pública no interior da casa”, busca analisar o movimento progressivo no qual ela se opõe ao espaço da rua, afirmando que “se a rua mistura grupos sociais, origens e sexos, a sala de visitas seleciona as misturas permitidas.” (Rolnik, 1997, p.31). Rolnik aponta ainda que esse ambiente acompanharia um processo de privatização da vida pública burguesa que aconteceria no espaço doméstico e também no que ela chama de “interiores burgueses”, como cafés, lojas e teatros. No presente trabalho, adiciona-se dois outros importantes dispositivos de interação social da elite urbana – o Grande Hotel e a Megaestrutura Hoteleira. Neste trabalho, acredita-se que o ambiente da sala de visitas também faça parte, portanto, das origens dos salões dessas tipologias de hotéis que, sobretudo na primeira metade do século XX, passaram a funcionar como espaços intermediários entre a **casa** e a **rua**, estando relacionados ao lazer de luxo, que distinguiu ainda mais as classes sociais que transitavam pelas ruas.

Pode-se dizer que teria sido ainda no século XIX no Brasil, e não no século XX, que se passou a verificar uma certa penetração entre as esferas pública e privada na cidade. Por isso foi importante resgatar brevemente o final do século XIX, por mais que não seja o recorte temporal proposto, pois ele representou transformações que se estabeleceram e se infiltraram no modo de vida que esta pesquisa se propõe analisar. A obra de Freyre, produzida nos anos 1930 e atenta



a meados do século XIX, já tratava de uma sociabilidade pressionada a desfazer oposições entre a **casa** e a **rua**, o íntimo e o coletivo, o conhecido e o anônimo. Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer como tal movimento foi, por um lado, sendo absorvido durante o início do século XX, mas por outro, como essa interação entre edifício e meio urbano foi diluindo com o passar dos anos no âmbito turístico, como veremos posteriormente. Portanto, ao tratar do Grande Hotel e da Megaestrutura Hoteleira, o presente estudo volta-se não apenas para o interior dos salões, mas também para o meio no qual estão inseridos, para investigá-los como equipamentos arquitetônicos, e também urbanos, compreendidos no limiar entre esses dois mundos – entre a **casa** e a **rua**.

DO GRANDE HOTEL À MEGAESTRUTURA HOTELEIRA

O presente estudo se debruça na relação entre a cidade do Rio de Janeiro e algumas arquiteturas do turismo, ao longo das décadas da primeira metade do século XX – ainda como capital do Brasil. A fim de melhor compreender como a relação entre a **casa** e a **rua** no âmbito turístico foi se transformando ao longo desse tempo, é importante que seja feita uma definição das categorias de análise aqui investigadas – o Grande Hotel e a Megaestrutura Hoteleira.

As origens do *Grande Hotel* remontam à noção histórico-cultural do termo *hôtel*, que designava as moradias da nobreza francesa, mas que, pós-absolutismo, se generalizou para mansões e palácios urbanos. Conforme Paiva (2022), essa relação estabelecida entre hotel, aristocracia, status e conforto é essencial para a compreensão de um novo tipo de edifício que surgiu impulsionado pelas exposições internacionais desde meados do século XIX, aliando a permanência de fragmentos socioespaciais do Antigo Regime com a incorporação de adventos da modernidade. Como signo de consumo de luxo, o Grande Hotel passou a contar com uma série de inovações construtivas – como ferro, concreto armado, elevador, iluminação elétrica e instalações sanitárias – e se tornou viável devido ao desenvolvimento dos meios de transporte – estradas e ferrovias – que viabilizaram o acesso de hóspedes e frequentadores.

Para Paiva, o Grande Hotel se diferenciava de outras hospedagens não exclusivamente por uma questão quantitativa, de número de aposentos e dimensões do edifício, mas também qualitativa e programática. Por um lado, dispo de alta qualidade nos serviços prestados, configurava-se como um equipamento destinado a um público seletivo e abastado, por conta dos elevados custos das diárias. Por outro, ao buscar atender a novas demandas sociais e culturais de uma burguesia urbana em ascensão, o Grande Hotel passou a incorporar diversos usos em seu programa – como teatro, cinema, cafés, restaurantes, lojas e boutiques¹. Assim, por meio dessa ampliação

¹ É importante frisar que Paiva busca compreender a gênese e as metamorfoses do hotel a partir de uma ótica também tipológica. Por meio de um debate histórico, o autor sustenta que o hotel na modernidade, a partir do Grande Hotel, passa a constituir uma “tipologia arquitetônica híbrida”, devido à justaposição de diferentes usos, funções e configurações espaciais e formais. O recorte temporal de seu trabalho não abrange o período pós-Segunda Guerra Mundial, e o desenvolvimento do turismo de massa, contemplados neste artigo, que também parte do Grande Hotel como categoria de análise, mas por meio de uma ótica, sobretudo, urbana.



de acesso a serviços variados, estando integrado à malha urbana, o Grande Hotel possibilitou uma significativa relação entre o edifício e a cidade, criando espaços de transição entre as esferas privada e pública, entre a **casa** e a **rua**.

O conceito da *Megaestrutura Hoteleira*, por sua vez, foi cunhado pela arquiteta portuguesa Susana Lobo (2010), para caracterizar uma nova “civilização do lazer”, correspondente ao imediato Pós-Segunda Guerra Mundial, que buscava um turismo de sol e mar diferenciado. Se o Grande Hotel já representava, no início do século XX, a diversificação das atividades e serviços disponibilizados para o seu público, a Megaestrutura ampliou ainda mais essa diversificação e, conseqüentemente, a sua escala física. Isso porque ela correspondia a um complexo de edifícios conformando uma unidade autônoma e multifuncional dedicada ao lazer moderno, que ganhou uma nova demanda a partir do que Urry (1990) nomeou como “turismo de massa”. A Megaestrutura Hoteleira, como uma possível progressão tipológica do Grande Hotel, também estava ligada a um consumo de luxo, restrito para poucos, correspondendo a preceitos que uniam os velhos símbolos de status às novas demandas da modernidade de meados do século, como higiene, intimidade, etiqueta e economia capitalista (Paiva e Diógenes, 2019, p. 04).

Dessa forma, a Megaestrutura Hoteleira, que funcionava em prol do lazer e do turismo à beira-mar, era como um equipamento urbano completo, por ser autossuficiente e independente, que garantia segurança, conforto, privacidade e subsistência aos seus hóspedes. A Megaestrutura possuía uma ampla rede de serviços culturais, comerciais e esportivos, que assegurava entretenimento e diversão ao longo do dia e da noite, com seu conjunto de bares, restaurantes, salas de jogos, boates, cassino, golfe, tênis, piscinas, etc. Além disso, a Megaestrutura tinha uma abordagem territorial diferenciada, estando localizada longe dos centros urbanos consolidados. Por conta dessas características, entende-se que ela estabeleceu uma nova relação entre a **casa** e a **rua**, na qual a casa voltou-se a si mesma e a rua preexistente perdeu suas funções de interações sociais e trocas comerciais.

Nas próximas seções, serão especificados três hotéis que fazem parte da história do turismo no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX, e que correspondem às categorias de análise mencionadas anteriormente – Grande Hotel e Megaestrutura Hoteleira. São eles: Hotel Avenida (1908), Copacabana Palace (1923) e Gávea Tourist Hotel (1953). Vale salientar, ainda, que esses casos serão analisados a partir de seus breves históricos de idealização e construção, de suas abordagens territoriais, de suas dimensões físicas e de seus programas arquitetônicos, evidenciando uma certa progressão tipológica no decorrer das décadas.



Hotel Avenida

Encomendado para a Exposição Nacional de 1908², o Hotel Avenida foi erguido não por acaso na via que passaria a se configurar como o novo principal eixo simbólico do Rio de Janeiro na virada do século – a Avenida Central. Construído no lote adquirido pela Companhia Ferro Carril Jardim Botânico (CFCJB), com sua fachada posterior voltada para o Largo da Carioca, o edifício foi idealizado especialmente integrado à **rua**, articulado a uma estação de bondes que funcionava em seu térreo, junto à antiga Galeria Cruzeiro. A galeria fez parte da vida urbana, se configurando como local de encontro, de bares e de estabelecimentos comerciais tradicionais, e como importante palco na cena do carnaval de rua carioca. Em 1957, o conjunto, que funcionou como expressiva centralidade não apenas para a cidade, mas também para o país, foi posto abaixo para dar lugar ao Edifício Avenida Central, existente até hoje.

Se até aquele momento, as antigas hospedagens na área central ocupavam casas térreas e sobrados antigos, o Hotel inaugurou uma tradição de estabelecimentos que passaram a ser construídos como referência dos novos modos de habitar na cidade. O Hotel, como signo da modernidade à época, incorporava importantes inovações técnicas, tendo sido um dos primeiros edifícios a dispor de elevadores elétricos, além de contar com água corrente, telefones e iluminação elétrica em seus 220 quartos. O estabelecimento projetado pelo engenheiro-arquiteto Francisco de Azevedo Monteiro Caminhoá, que dispunha de espaços coletivos de salões de visita, de jantar, café, leitura e palestra, era anunciado pela imprensa, nacional e internacional, como sendo o “maior e mais importante [hotel] do Brasil”.³ Se por um lado estava vinculado a uma dinâmica cosmopolita, por outro, funcionava como **casa**, para um público muito restrito. Além de se configurar como opção de hospedagem para a elite, não era incomum que os Grandes Hotéis fossem procurados por figuras políticas como uma residência fixa, capaz de aliar luxo, status e comodidade.

Em um contexto de profundas transformações urbanas, o Hotel Avenida, como primeiro caso exemplar de Grande Hotel na cidade, representou um marco divisor entre o período de implantação da hotelaria carioca e seu desenvolvimento em direção à modernidade. O Hotel Avenida impulsionou este estudo, pois foi responsável por construir uma nova imagem do turismo para o Rio de Janeiro, atendendo a novas demandas socioculturais na área central da cidade, caracterizadas pela relação direta entre edifício e meio urbano, entre a **casa** e a **rua**.

² É necessário pontuar que as grandes exposições, de 1908 e de 1922, promovidas na cidade do Rio de Janeiro, foram importantes eventos que alavancaram a profusão de Grandes Hotéis na paisagem urbana.

³ Hotel Avenida. **Fon Fon**, n. 45, p. 55, 1915, inserção nossa.



Figura 1 - Hotel Avenida

Fonte: Album Photographias D. Federal 1911-1920

Hotel Copacabana Palace

Inaugurado em 1923, o Copacabana Palace representou um novo modelo de modernidade, sendo um diferencial nas intenções turísticas do século XX e conquistando grande notoriedade nacional e internacional, que perdura em funcionamento até os dias atuais. Esse diferencial correspondeu à aposta atípica de seu idealizador, Octávio Guinle, a partir da Companhia Construtora Nacional, de implantar o Hotel na orla da Praia de Copacabana, quando este bairro ainda não era pujante, sobretudo no âmbito turístico. Nas primeiras décadas do referido século, os Grandes Hotéis eram inseridos na área central da cidade do Rio de Janeiro, vide o Hotel Avenida, onde a rua tinha papel fundamental no cotidiano carioca das interações sociais. O Copacabana Palace impulsionou um maior interesse voltado para a Zona Sul da cidade, sendo ele um vetor de expansão urbana e de ressignificação simbólica do bairro de Copacabana, que transformou a dinâmica preexistente da **rua**.

Além de promover uma nova relação com o litoral carioca, o Copacabana Palace também marcou uma nova etapa da hotelaria e consolidou uma nova escala na cidade, através de seu projeto arquitetônico, que foi desenvolvido pelo arquiteto francês Joseph Gire, com a participação do engenheiro brasileiro César Melo e Cunha. Embora seja considerado um Grande Hotel, o Copacabana Palace possuía uma abordagem territorial inusitada e uma maior



diversidade em seu programa arquitetônico, sendo esse quesito mais uma proposta atípica para o momento. Por conta disso, talvez ele possa representar o início de uma transição tipológica do Grande Hotel para a Megaestrutura Hoteleira. De acordo com o Guia Hoteleiro do Brasil (1952), o Hotel abrigava: restaurante, quatro salas de estar, salão de jogos, bar, boate, salão de chá, “grill-room”, lavanderia, piscina, barbearia, cabeleireiro, manicure e “thermas”. Ademais, eram 250 quartos distribuídos em seus sete pavimentos. Assim como o Hotel Avenida, o Copacabana Palace, como signo de consumo de luxo, além de receber hóspedes ilustres, também se configurou como moradia. Em meio à crescente demanda, em 1948, foi inaugurado um edifício anexo, de 11 pavimentos, que passou a ser muito procurado por pessoas da elite para estabelecerem o Hotel como **casa**.

Como catalisador da expansão urbana e conformador do bairro, o Copacabana Palace configurou-se como um marco exemplar exitoso, associado à imagem da cidade do Rio de Janeiro que, até a atualidade, está vinculada simbólica e culturalmente à imagem do país. Além de ser um intermediário entre as categorias do Grande Hotel e da Megaestrutura Hoteleira, ele integra esta discussão, pois transformou, no âmbito turístico, a relação que se tinha entre a **casa** e a **rua**.



Figura 2 - Hotel Copacabana Palace, em maior altura, e seu entorno, em 1927, por Theodor Preising.
Fonte: Brasiliana Fotográfica



Gávea Tourist Hotel

O Gávea Tourist Hotel (GTH) foi idealizado pela Companhia Califórnia de Investimentos, em 1953, para ser um complexo hoteleiro diferenciado na paisagem urbana do Rio de Janeiro. A pretensão era torná-lo "o mais arrojado empreendimento hoteleiro das Américas"⁴, conquistando uma posição de destaque no cenário turístico nacional e internacional. Contudo, ele nunca foi inaugurado. Inserido no alto de uma proeminente montanha que compõe a Floresta da Tijuca, o GTH tem sua estrutura abandonada na Estrada das Canoas, em São Conrado, até a atualidade. A lógica de sua inserção na cidade era relativamente nova, sendo uma grande aposta, tal qual ocorreu com o Copacabana Palace inserido em uma região ainda sem uma dinâmica urbana muito consolidada, mas estando isolado e desintegrado da malha urbana preexistente, isto é, da **rua**.

Além dessa característica inusitada, o GTH possuiria um programa arquitetônico muito mais complexo e diverso do que se observava na hotelaria daquele momento. O projeto arquitetônico foi desenvolvido pelo engenheiro-arquiteto Décio da Silva Pacheco, possuindo grandes dimensões para abranger 480 quartos e numerosas atividades e serviços, em seus 16 pavimentos. Dentre as atividades proporcionadas, tanto comuns como insólitas, haveria: cinema, teatro, lojas comerciais, clínicas médicas e odontológicas, biblioteca, boate, salões de cabeleireiro, piscinas, zoológico, teleférico, planetário e até mesmo um museu de arqueologia. O GTH seria uma espécie de equipamento urbano completo para que o hóspede não precisasse sair dele, a não ser que quisesse ir à praia no sopé da montanha. Seus hóspedes seriam constituídos por turistas e cotistas. Esse último grupo utilizaria o hotel como uma **casa**, uma vez que poderiam fazer usufruto da hospedagem e de todas as atividades desse complexo hoteleiro por, no mínimo, 15 dias anuais, mediante o pagamento mensal do que foi designado como "cota".

O Gávea Tourist Hotel, como um exemplar da Megaestrutura Hoteleira, representou o momento de uma nova escala na história do turismo, dessa vez relacionada ao turismo de massa, que caracterizou o imediato Pós-Segunda Guerra Mundial. O GTH, como um marco negativo dentre os outros apresentados, que falhou em seu propósito de proporcionar uma nova modernidade para a cidade, fomenta este trabalho ao apostar em uma nova relação, agora de distanciamento, entre a **casa** e a **rua**.

⁴ [Correio da Manhã \(RJ\), 20 de novembro de 1955.](#)



Figura 3 - Propaganda do Gávea Tourist Hotel.
Fonte: Jornal Manchete, Rio de Janeiro, 1965.

CONSIDERAÇÕES FINAIS — A CASA PERDEU A RUA?

Ao apresentar um breve histórico da progressão da arquitetura do turismo que se relacionou retroativamente com algumas transformações urbanas no Rio de Janeiro, este trabalho propôs examinar os processos de idealização e inserção na cidade de três casos exemplares de Grande Hotel e de Megaestrutura Hoteleira, considerando a relação entre a casa e a rua. Vale indicar que, por mais que sejam bem diferentes, esses três casos possuem uma similaridade importante entre si – a pretensão de conquistar notoriedade nacional e internacional, uma vez que estavam localizados na capital do Brasil, o Rio de Janeiro, que representava a imagem do país mundo adentro e afora.

Esses hotéis intentaram se tornar marcos associados à essa imagem, simbolizando as modernidades de seus tempos. Além disso, enquanto essa imagem estava sendo construída e remodelada ao longo da primeira metade do século XX, esses hotéis também tentavam corresponder a novos tempos, no ensejo de transmitir beleza, sofisticação, originalidade (inclusive, no âmbito internacional), prosperidade e modernização. Entretanto, nem todos os



casos exemplares alcançaram essa presunção, demonstrando diferenças fundamentais, sobretudo em relação à escolha de suas inserções na cidade.

Nesse sentido, o Hotel Avenida, compreendido como importante centralidade, por ter estado integrado à dinâmica urbana carioca, foi um marco exitoso no propósito de instaurar a tipologia do Grande Hotel na cidade. Quinze anos depois, com um número maior de quartos e de serviços em seu programa, o Copacabana Palace, como primeiro Grande Hotel balneário atlântico e talvez um prenúncio da Megaestrutura Hoteleira, estabeleceu um novo modo de vivenciar a cidade, ressignificando a orla sul do Rio de Janeiro. Trinta anos depois, o Gávea Tourist Hotel foi idealizado com mais do dobro de quartos e de serviços e, correspondendo ao modelo da Megaestrutura Hoteleira com uma abordagem territorial isolada das preexistências, não obteve êxito, nem mesmo tendo a sua construção concluída.

O GTH foi uma divergência do Hotel Avenida, que estava implantado exatamente onde todos os atributos de uma capital estavam concentrados - teatros, Grandes Hotéis, museus, biblioteca nacional, comércio pujante, dentre outros. Nessas primeiras décadas do século XX, o turismo valorizava o Centro e as edificações significativas de uma vida urbana cosmopolita da capital do país. Já em meados do século, a Megaestrutura Hoteleira passou a fazer parte de uma lógica de inserção que valorizava a natureza distante dos centros urbanos consolidados. Nessa perspectiva, questiona-se – a **casa** perdeu a **rua** no turismo, tornando os hotéis menos urbanos?

Portanto, neste trabalho, observou-se uma tendência específica do hotel, que funcionava como espaço intermediário entre a casa e a rua. Se antes ele era integrado à cidade recebendo seu público seletivo, diretamente da rua, nos salões repletos de atividades; depois, seus salões foram ficando mais variados, ao mesmo tempo em que o hotel foi se desconectando da própria cidade. Essa tendência não parou em meados do século XX, visto que o hotel continuou se transformando até o que conhecemos hoje como *resort*; possivelmente sendo uma progressão da Megaestrutura Hoteleira, que desde o Grande Hotel, foi se diversificando e se isolando mais e mais.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE HOTÉIS. **Guia Hoteleiro do Brasil**. 1ª edição. São Paulo: Editora Cicerone, Setembro de 1952.

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. **A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BELCHIOR, Elysio de O.; POYARES, Ramon. **Pioneiros da Hotelaria no Rio de Janeiro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Senac, 1987.

CABRAL, Maria Cristina N.; PARAIZO, Rodrigo C. **Presença estrangeira: Arquitetura no Rio de Janeiro (1905-1942)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Riobooks/FAPERJ, 2018.



CASTRO, Celso. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, G. (Ed.). **Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. p. 80–87.

DAMATTA, Roberto. **A casa & A rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997 [1985].

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. São Paulo: Global, 2013. [1936].

LOBO, Susana. **Arquitetura e turismo: planos e projectos**. As cenografias do lazer na costa portuguesa. Da 1.ª República à Democracia. Tese de doutoramento. Universidade de Coimbra, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316/23799>> Acesso em: 04 fev 2020.

_____. Sun, sand, sea & bikini. **Arquitetura e turismo: Portugal anos 60. Revista Crítica de Ciências Sociais** [online], 91 | 2010. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/rccs/4170>> Acesso em: 05 fev 2020.

NEVES, Carolina Q. **Sonhos inalcançáveis nos anos 1950: Estruturas hoteleiras inconclusas como marcos negativos nas cidades**. Dissertação de mestrado acadêmico, FAU-UFRJ, Rio de Janeiro, 2021.

PAIVA, Ricardo. A. O hotel na modernidade: metamorfoses de uma tipologia arquitetônica híbrida. **Oculum Ensaios**, v. 19, e224889, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.24220/2318-0919v19e2022a4889>>

PAIVA, Ricardo A.; DIOGENES, Beatriz H. N. O “Grande Hotel” moderno no Brasil e em Portugal. In: **Anais 13º Seminário Docomomo Brasil Arquitetura Moderna Brasileira**. 25 anos do Docomomo Brasil. Salvador: Instituto dos Arquitetos do Brasil - Departamento da Bahia, 2019. v. 1. p. 1-19. Disponível em: <<https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2020/04/119266.pdf>> Acesso em: 17 set 2021.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: Studio Nobel Fapesp, 1997.

SEGAWA, Hugo. Prefácio: Roteiro para viagens inexploradas. In: VARGAS, H. C.; PAIVA, R. A (orgs). **Turismo, arquitetura e cidade**. Barueri, SP: Manole, 2016, p.VII-X.

TOSTÕES, Ana. The right to holidays or the emergence of an area of optimism. In: **Docomomo Journal**, Portugal, n. 60, 2019/02.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. 3.Ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001 [1990].

ZONIS, Nina. **Grandes Hotéis Centrais no Rio de Janeiro (1908-1922): da construção ao arrasamento dos edifícios**. Monografia de conclusão de curso de graduação, FAU-UFRJ, Rio de Janeiro, 2021.